

COMO DOAR? Correios e Defesa Civil recebem doações para vítimas das chuvas no Sul



HOJE das 9h30 às 14h30

B Hotel, Brasília
com transmissão ao vivo em:
youtube.com/folha

PUBLICIDADE

TODAS

Entenda o que fazer se o seu filho cometer um ato racista

F DÊ UM CONTEÚDO

7.mai.2024 às 4h00

Vitória Macedo

🔊 Ouvir o texto A- A+

SÃO PAULO Na última semana, o caso de racismo sofrido por uma das filhas da atriz [Samara Felippo](#) levantou um debate nas redes sociais. A menina, de 14 anos, sofreu [ofensas racistas de duas outras alunas no colégio Vera Cruz](#), na zona oeste de São Paulo. A atriz, uma mulher branca, diz que sempre falou sobre o assunto com as filhas. Mas e quando são os pais de filhos que cometeram o ato racista? Especialistas falam sobre como construir um debate dentro das famílias quando situações como essa ocorrem.

O primeiro ponto, segundo psicólogos ouvidos pela **Folha**, é não tratar como um caso isolado, uma situação única e esporádica. "É importante pensar como o [racismo](#) é tratado dentro dessas famílias ou desse grupo de cuidadores", diz Ana Albuquerque, psicóloga especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho e sócia-fundadora do Canto Baobá - Espaço especializado em Saúde Mental e diversidade.

Para ela, é preciso fazer questionamentos. "O racismo é debatido com profundidade, como uma violência estrutural, que todas as pessoas têm responsabilidade sobre isso, ou está sendo colocado como algo irreal, chamando de forma errada como [bullying](#), ou dizendo que foi uma brincadeira?"



notícias da folha no seu email

Digite seu e-mail

relacionadas

Livros, filmes e séries com protagonistas negros ajudam a conscientizar crianças sobre racismo

Por que sujar suas mãos com um pouco de terra pode fazer bem à saúde

'Cadê a mãe?': As perguntas ouvidas por pais que cuidam dos filhos sem uma mulher por perto



por taboola



PUBLICIDADE





PUBLICIDADE

A RESPONSABILIDADE NÃO É SÓ DA ESCOLA

O caso da filha de Samara Felippo, que aconteceu em uma escola, joga grande parte da responsabilidade sobre a instituição. O coordenador de ensino fundamental do colégio, Daniel Helene, afirmou que se a instituição confirmar que as alunas são reincidentes em episódios racistas, elas seriam expulsas. Esse, inclusive, é o desejo da atriz, manifestado durante entrevista ao Fantástico.

No entanto, para o psicólogo Douglas Felix, o peso não deve ser revisto dentro das famílias. "Não é uma grade curricular da escola", diz. "O racismo foi, entre aspas, se normalizando de tantos jeitos e tantos aspectos que, quando chega nas famílias, ainda não tem essa base para poder conversar de forma mais educativa e não punitiva com essas crianças e adolescentes."

Para os psicólogos, a punição não é o melhor caminho. "Ela acaba sendo uma medida extremamente rasa, porque ela não aprofunda o contexto, não traz educação, conscientização e responsabilidade", diz Albuquerque. A medida acaba sendo imediatista e sem continuidade.

"Se a gente não ensina essa responsabilidade social, com a vida do outro, essas formas punitivas só vão criando atitudes mais violentas dentro da sociedade", diz Felix.

É por isso que a psicóloga Maiara Pontes, que se especializa em Clínica Fenomenológica das Infâncias, Adolescências e Família, pelo Nucafe, afirma que o jovem deveria ser orientado, e não simplesmente mudado de escola. "Assim a criança não aprende porque ela simplesmente sai do lugar onde ela mesma cometeu algo errado contra uma colega e machucando essa colega", diz.

Ela aponta que a adolescência é um período de incertezas e mudanças e que, por isso, o adolescente se vê diante de várias influências. "A orientação e o exemplo dos pais ou responsáveis sempre será a mais eficaz atitude a ser tomada", diz Pontes.

A gestão dos Flls HG está em suas mãos.
Se você é cotista, participe das Assembleias.

HGLG | HGRU | HGRE
HGCR | HGPO | HGFF | CBOP

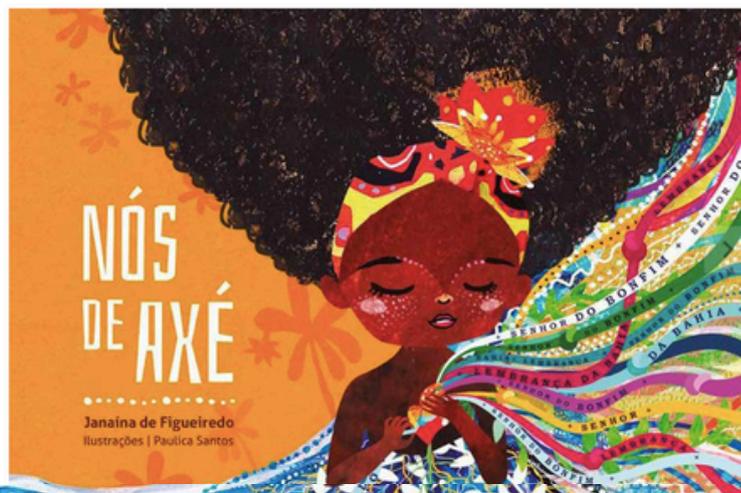
Vote agora

PUBLICIDADE



PUBLICIDADE

1 / 8 Livros para falar de negritude com as crianças



Capa do livro 'Nós de Axé', de Janaina de Figueiredo Divulgação

CONTEXTOS E REPRESENTATIVIDADE SÃO IMPORTANTES

Uma vez que os casos de racismo não são isolados, é preciso refletir sobre como essas atitudes surgem. "O racismo não é só aquilo que é escrito ou falado abertamente, mas ele acontece de outras formas. Muitos aspectos influenciam, não só a família ou a escola, é todo o cotidiano", diz Felix.



PUBLICIDADE

Para o psicólogo, a falta de representatividade na comunidade escolar, de pessoas negras ocupando cargos de professores, coordenação e direção, pode impactar negativamente. "Tudo isso influencia na forma que a gente vai vendo, nessa reprodução que muitas crianças e jovens vão aprender a ser racistas."

Os especialistas são unânimes em dizer que ações devem ser feitas todos os dias, e não de forma pontual, como no mês de novembro ou, por exemplo, em junho com a população LGBTQIA+. "Se a violência estrutural atravessa a gente de toda forma, como falar dessas questões uma vez por ano ou quando uma situação específica acontece?", questiona Albuquerque. "Esse assunto é algo rotineiro, do dia a dia, de todas as pessoas se comunicarem, é da família, da escola com os alunos presentes nesses debates."

A psicóloga também fala sobre usar os termos corretos quando precisarem ser ditos. Ou seja, dizer sempre que isso foi racismo, que essa pessoa é uma pessoa negra, que isso foi homofobia. "É não ter medo de usar as palavras certas."

Como parte da iniciativa Todas, a **Folha** presenteia mulheres com [três meses de assinatura digital grátis](#)

★ ★ ★

F DÊ UM CONTEÚDO

